

# LINGUASAGEM

## TRISTEZA, MELANCOLIA E BELEZA ESTÉTICA EM “MINH’ ALMA É TRISTE”, DE CASIMIRO DE ABREU

Arnaldo NOGARI JÚNIOR<sup>1</sup>

### RESUMO

Como se sabe, o homem se utiliza da arte para expressar suas perspectivas sobre a vida social e sobre a si, que são reflexos de seu tempo. Dentre as variadas formas artísticas de expressão está o poema, o qual se vale da linguagem para trazer à tona a visão do eu-lírico, seja ela qual for. Para tanto, o escritor, para se expressar e se fazer entender, se valerá não apenas da mensagem que deseja transmitir aos seus leitores, mas também, em se tratando de arte escrita, de recursos sintáticos, léxicos e semânticos. Assim, o presente artigo, objetiva verificar como esses recursos são utilizados no poema “Minh’ alma é triste”, do escritor romântico Casimiro de Abreu, para a construção do sentido expressado pelo autor, que trata dos temas da tristeza, pessimismo e melancolia. É importante ressaltar que será analisado apenas a segunda parte do referido poema, o qual se constitui em quadras de cinco estrofes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casimiro de Abreu; Minh’alma é triste; Poesia; Romantismo.

### Considerações Iniciais

De maneira geral, a poesia está em todas as formas de manifestação artística: pinturas, esculturas, arquiteturas, poemas, etc. Dentre as distintas definições de poesia, destaca-se sua tentativa observar e explorar de maneira efetiva o que a humanidade não repara significativamente. No entanto, o poeta, consciente da importância de se observar os detalhes, tenta se fazer entender através da arte.

O poema se traduz como um dos formatos de manifestação poesia que se vale da linguagem para trazer à tona os sentimentos e visão de mundo dos poetas. Para tanto, o poeta, para trabalhar o conteúdo que o incomoda ou aflige, faz uso de variados recursos da linguagem para expor com clareza sua mensagem.

Dentre os poetas mais importantes da literatura brasileira, está Casimiro de Abreu (1839-1860), o qual, influenciado pelo movimento do byronismo, expõe o

---

<sup>1</sup> Aluno de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: arnaldo\_nogarijr@hotmail.com

pessimismo e a tristeza humana, paixões que cercam os sujeitos de toda e qualquer época e que não pensados com a devida consideração.

Assim, tendo ciência da importância de Casimiro de Abreu para a poesia brasileira, bem como os temas desenvolvidos pelo referido autor, o presente artigo analisará a segunda parte do poema “Minh’ alma é triste”, com o intuito de destacar como os recursos linguísticos, de nível lexical, semântico e sintático, são de extrema valia para a construção do sentido do poema em questão e, assim sendo, destacar os motivos da obra de Abreu foi tão apreciada pelos leitores de seu período até os dias de hoje.

Desse modo, inicialmente, o presente artigo apresentará reflexões críticas acerca da poesia, suas possíveis definições e importância na sociedade, seguida de uma análise estética da referida parte do poema a fim de demonstrar sua simetria, a qual realça seu valor artístico, uma vez que no período romântico, e também em outros movimentos posteriores, as formas tradicionais de se produzir arte eram extremamente valorizadas.

Em seguida, o presente artigo proporcionará uma leitura do conteúdo do poema de Abreu, com base na sua construção léxica, sintática e semântica, com o intuito de evidenciar como a escolha dos elementos de cada um desses níveis da linguagem não são escolhidos levianamente, mas cada escolha é feita propositalmente para se encaixar dentro da forma estética adotada pelo poeta romântico. O sentido do poema está impregnado de melancolia, tristeza e pessimismo, características do byronismo, os quais o presente trabalho também propõe a discutir em conjunto com a forma estética da obra.

### **Poesia e sociedade: “Minh’ alma é triste” e sua forma estética**

O homem moderno está inserido em contexto fortemente marcado pela liquidez, pela escassez do tempo e pelo trabalho. Com a modernização tecnológica e industrial, dispensou-se cada vez mais a interação entre indivíduos em tempo real e presencial. Em relação ao quesito industrial, a mão-de-obra humana foi ligeiramente substituída pelas máquinas, as quais tem a capacidade de fazer o trabalho de uma grande quantidade de homens. Logo, as empresas e indústrias passaram a concentrar um número cada vez menor de trabalhadores que, geralmente, são encarregados a manusear uma determinada máquina, privando-o de uma grande parte da interação social que existia entre os operários. Já a evolução tecnológica, especificamente no campo da informação, individualizou ainda mais a interação entre os indivíduos, uma vez que o acesso a

qualquer tipo de informação se tornou extremamente fácil, ou seja, sem a necessidade de consultar outros membros da sociedade ou os demais meios disponíveis que exigem interação entre pessoas. Com o advento da internet, por exemplo, basta pesquisar na rede o assunto desejado. No que diz respeito as interações humanas no lazer e entretenimento, é possível afirmar que esta foi expressivamente substituída pelo apego a redes sociais, onde o intercâmbio cultural ou simples conversas se concretizam.

Assim, a relação presencial existente entre os sujeitos de um grupo social ficou mais escassa e rompeu com as maneiras únicas e tradicionais de trabalho e de interação entre os seres humanos, acentuando a individualidade, o que resultou, para Bauman (2001), na modernidade marcada pela liquidez. Para o estudioso, a modernidade líquida se traduz como um rompimento da tradição, compreendida como uma estabilidade sólida, ou seja, maneiras únicas de se viver e executar as tarefas definidas socialmente, independentemente de sua natureza, mas que foram substituídas pelas mobilidades (liquidez) da modernidade, as quais

[...] não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas "por um momento" (BAUMAN, 2001, p. 08).

Devido ao surgimento dos valores vinculados a individualidade provocada pela liquidez moderna, o sujeito pouco observa e reflete acerca do mundo e da sociedade ao seu redor, o que necessariamente o faz alienado e o torna incapaz de solucionar os conflitos materiais e psicológicos que assombram a humanidade. Para Candido (1988), por exemplo, estamos no auge do desenvolvimento científico e tecnológico e, por assim ser, a era em que vivemos “permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação” (CANDIDO, 1988, p. 169).

No entanto, embora a racionalidade da humanidade no quesito científico esteja significativamente adiantada, a irracionalidade no que se refere as questões sociais também é surpreendente:

[...] a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida freqüentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens.

Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria (CANDIDO, 1988, p. 169).

Assim, fica evidente um dos grandes paradoxos vividos pela população mundial: os interesses da maior parte dos sujeitos são deixados a margem, enquanto os da elite dominante é posto em primeiro plano. Conscientes e insatisfeitos com os diferentes problemas da humanidade, o poeta tenta, por meio da escrita poética, libertar seus pensamentos e seu posicionamento a respeito do que é importante para si, bem como trazer a consciência dos leitores a sua concepção de mundo e de vida.

Paz (2013), a poesia possui inúmeros significados que se remetem a uma forma de emancipação e conscientização humana:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces, embora exista quem afirme que não tem nenhuma: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! (PAZ, 2013, p.21).

Nesse sentido, a poesia visa expor o que passa despercebido ao homem, e, quando o poeta dá forma aos seus pensamentos, o mesmo objetiva levar seus leitores a observar e refletir sobre determinados fatos e temas ignorados. Desse modo, a poesia será capaz de levar os sujeitos a reconhecer o que está a sua volta e posicionarem-se

criticamente frente a essa realidade e transformá-la. Em outras palavras, as formas poéticas contribuem para a formação de um pensamento que vai além de si próprio e também a refletir acerca de situações vivenciadas diariamente, mas que o homem nunca parou para questioná-la. Dentre as formas de expressão poética literária, está o poema.

É sabido que o poema, como qualquer outra forma de manifestação artística, possui características próprias na sua forma, as quais variam de acordo com a tendência que influenciou o poeta de seu tempo. Nesse sentido, determinados poetas seguem as formas clássicas, ou seja, suas criações são dotadas de uma métrica na qual os versos possuem o mesmo número de sílabas poéticas, vocábulos eruditos, rimas, forma fixa e figuras de efeito sonoro. Por outro lado, principalmente na pós-modernidade, outros poetas optaram pelo verso livre, ou seja, abandonam as formas fixas com o intuito de ressignificar as formas de se escrever poesia. Independente da sua forma, clássica ou não, o poema, para tocar seu leitor, se valerá da linguagem, podendo esta ser figurativa ou não, do ritmo e da imagem, formada e deformada pela ação do tempo (PAZ, 2013).

De modo a contribuir com as reflexões de Paz, Bosi (2000), a poesia, para atingir o receptor, também se valerá de um discurso, o qual defende a posição ideológica do poeta que vai contra a alienação trazida pelas organizações sociais da modernidade científica e lúcida, que ignoram o valor das formas poéticas. Bosi (2000) destaca:

A lucidez nunca matou a arte. Como boa negatividade, é discreta, não obstrui ditatorialmente o espaço das imagens e dos afetos. Antes, combatendo hábitos mecanizados de pensar e de dizer, ela dá à palavra um novo, intenso e puro modo de enfrentar-se com os objetos (BOSI, 2000, p. 173).

Com base no estudo de Bosi, fica claro que a poesia, seja qual for sua tendência, resiste ao tempo e as degradações sociais, além de encontrar novas maneiras de manifestar as mais distintas ideologias. Ainda que existam distintas formas de se compor poesia, por se tratar de um tipo de expressão humana, a literatura, para Candido (2002), possui um caráter formador:

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 2002, p. 83).

Assim sendo, entende-se que não compete à literatura representar um mundo livre de subversões humanas, tais como desigualdades sociais, marginalismo e discriminação, mas cabe a esta conceber a vida como de fato é, com seus conflitos e soluções. Desse modo, constata-se que à arte literária cabe a função humanizadora: “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

No poema, o processo de formação e humanização subsidiado por esse gênero literário não se dará apenas no plano do conteúdo, mas também pela sua forma, uma vez que a escolha de palavras, a sonoridade, o ritmo, ou seja, a forma escolhida para a expressão, também são responsáveis pelas impressões do receptor do texto poético. Para Goldstein (2000), o texto literário se difere dos textos não-literários por conta da combinação das palavras pela sua significação e também pela sua semelhança sonora. Para a teórica, essa combinação resultará na plurissignificação do texto literário, ou seja, a junção da forma e do conteúdo oportunizará várias interpretações para o mesmo texto, e essas interpretações se darão de acordo com a percepção do leitor perante a organização do poema:

Nos textos comuns, não literários, o autor seleciona e combina as palavras geralmente pela sua significação. Na elaboração do texto literário, ocorre uma outra operação, tão importante quanto a primeira: a seleção e a combinação de palavras se fazem muitas vezes por parentesco sonoro. Por isso se diz que o discurso literário é um discurso específico, em que a seleção e a combinação das palavras se fazem não apenas pela significação, mas também por outros critérios, um dos quais, o sonoro. Como resultado, o texto literário adquire certo grau de tensão ou ambiguidade, produzindo mais de um sentido. Daí a plurissignificação do texto literário (GOLDSTEIN, 2000, p. 05).

Diante disso, tendo ciência da importância da forma de composição do poema, o presente estudo, inicialmente, tratará de analisar a forma métrica (contagem das sílabas poéticas, reconhecimento das rimas e análise do ritmo) do corpus proposto e, então, em conjunto com análise da forma, passará para leitura e interpretação do conteúdo, com base na escolha léxica, sintática e semântica.

É importante ressaltar que o contexto de produção do poema de Abreu é marcado pela tradição, ou seja, pelo apego aos valores sólidos, o que certamente justifica a simetria de “Minh’ alma é triste” e dos demais poemas desse período, diferentemente da modernidade, na qual é visível o rompimento com as tradições de

forma e conteúdo, como aponta Guilhermino César (1982), ao tratar do modernismo na poesia:

A pedra de escândalo do Modernismo, tanto para o leitor comum para a clerezia, foi o verso livre. A proscrição da rima, dos metros regulares, a deliberada infração de outras normas há muito estabelecidas, levaram gente de boa qualificação intelectual a reações furiosas (CÉSAR, 1982, p. 223).

Desse modo, a análise do poema de Abreu se pautará em preceitos do romantismo brasileiro, o qual é marcado historicamente pelas incongruências da Revolução Industrial e também da burguesia ascensionária. Em relação ao estilo da poesia romântica, Bosi (2015) aponta que

A renovação nas camadas sonoras atingiu o cerne do verso, o ritmo, distendendo-o em função da melodia que, veículo mais adequado às efusões do sentimento, contou com a preferência dos poetas e, naturalmente, dos compositores: Chopin, Liszt, Berlioz, Schubert, Schumann, mestres de uma nova e difusa sensibilidade musical. Renascem, por outro lado, formas medievais de estrofação e dá-se o máximo revelado aos metros breves, de cadência popular, os redondilhos maiores e menores, que passam a competir com o nobre decassílabo (BOSI, 2015, p. 101).

Nesse sentido, fica evidente que Abreu, marcado pelo contexto de sua época, assim como alguns de seus contemporâneos, se valerá na sua composição poética de formas fixas e clássicas. Logo, em se tratando da estrutura métrica da parte II do poema “Minh’ alma é triste”, de Casimiro de Abreu, verifica-se uma simetria entre os versos. O poema em questão é composto de cinco estrofes, onde cada uma é composta por quatro versos e cada verso é dotado de dez sílabas poéticas (versos decassílabos). Os versos de dez sílabas poéticas são muito comuns no século XVI e, inclusive, é dominante na epopeia *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Logo, é possível identificar na obra de Abreu uma retomada pela estrutura clássica.

O ritmo do poema em questão é marcado pelas sílabas poéticas tônicas 6,8 e 10 em todos os versos, exceto no último, onde o ritmo é marcado pelas sílabas 6 e 10. O esquema abaixo mostra a divisão por estrofe de versos, a divisão das sílabas poéticas, bem como a marcação rítmica acentuada pelas sílabas tônicas:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Mi/nh'al/ma/ é/ tris/te co/mo a /voz /do /si/æ

E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Car/pin/do o /**mor**/to /so/bre a /**la**/je /**fri**/a; E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
E /do/ce e /**gra**/ve /qual /no /**tem**/plo um /**hi**/nø, E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Ou /co/mo a /**pre**/ce ao /des/mai/**ar** /do /**di**/a. E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Se /pa/ssa um /**bo**/te /com /as /**ve**/las /**sol**/tas, E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Mi/nh'al/ma o /**se**/gue /n'am/pli/**dão** /dos /**ma**/res; E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
E /lon/gas /**ho**/ras /a/com/**pa**/nha as /**vol**/tas E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Das/ an/do/**ri**/nhas/ re/cor/**tan**/do os /**a**/res. E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Às /ve/zes, /**lou**/ca, /num /cis/**mar** /per/**di**/da, E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Mi/nh'al/ma /**tris**/te /vai /va/**gan**/do à /**to**/a, E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Bem /co/mo a/ **fo**/lha /que /do /**sul**/ba/**ti**/da E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Bói/a /nas /**á**/guas /de /gen/**til** /la/**go**/a! E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
E /co/mo a /**ro**/la /que em /sen/**ti**/da /**quei**/xa E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
O /bos/que a/**cor**/da /des/de o al/**bor** /da au/**ro**/ra, E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Mi/nh'al/ma em /**no**/tas /de /cho/**ro**/sa em/**de**/cha E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
La/men/ta os /**so**/nhos /que /já /**ti**/ve ou/**tro**/ra. E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Di/zem /que há /**go**/zos /no /co/**rrer** /dos /**a**/nes!... E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Só /eu /não /**sei** /em /que o /**pra**/zer /con/**sis**/**te**. E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
- Po/bre /lu/**dí**/brio /de /cru/**éis** /en/**ga**/**nos**, E.M. 10(4,8,10)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Per/di os /ri/sos /- a /**mi**/nh'al/ma /é /**tris**/**te**! E.M. 10(6,10)

No esquema métrico acima, é importante destacar que no primeiro verso, entre os vocábulos “alma” e “é” não houve uma sinalefa, ou seja, neste caso, a elisão da vogal “a” da palavra “alma”, uma vez que a palavra seguinte, “é”, também é uma vogal.

Em relação ao esquema de rimas do referido poema, constata-se o emprego de rimas do tipo cruzadas (obedecem a sequência ABAB), as quais, além de serem externas, gramaticalmente são graves, por se construírem entre palavras paroxítonas. Já pela sonoridade, é possível afirmar que as rimas são perfeitas, uma vez que existe a identidade dos sons finais entre as vogais e as consoantes, como por exemplo entre os vocábulos “sino” e “hino”, “soltas” e “voltas” e “aurora” e “outrora”.

É importante ressaltar ainda que o valor das rimas do poema de Abreu varia entre pobres (palavras da mesma classe gramatical) e ricas (palavras de diferentes classes gramaticais). O esquema abaixo demonstra as rimas por valor, a sua sequência cruzada, sua sonoridade perfeita e seu estilo gramatical grave, observe:

Minh'alma é triste como a voz do **sino** (A)  
Carpindo o morto sobre a laje **fria**; (B)  
E doce e grave qual no templo um **hino**, (A)  
Ou como a prece ao desmaiar do **dia**. (B)

Se passa um bote com as velas **soltas**, (A)  
Minh'alma o segue n'amplidão dos **mares**; (B)  
E longas horas acompanha as **voltas** (A)  
Das andorinhas recortando os **ares**. (B)

Às vezes, louca, num cismar **perdida**, (A)  
Minh'alma triste vai vagando à **toa**, (B)  
Bem como a folha que do sul **batida** (A)  
Bóia nas águas de gentil **lagoa**! (B)

E como a rola que em sentida **queixa** (A)  
O bosque acorda desde o albor da **aurora**, (B)  
Minh'alma em notas de chorosa **endecha** (A)  
Lamenta os sonhos que já tive **outrora**. (B)

Dizem que há gozos no correr **dos anos!**... (A)

Só eu não sei em que o prazer **consiste**. (B)

- Pobre ludíbrico de cruéis **enganos**, (A)

Perdi os risos - a minh'alma é **triste!** (B)

\* **rimas ricas;**

\* **rimas pobres.**

Como dito anteriormente, e agora com base na escansão e análise dos sons e ritmos do poema de Abreu, fica claro que o poema não se trata exclusivamente de uma forma de expressão do pensamento ideológico do eu-lírico ou de seu autor, mas de uma obra artística que trabalha tanto a forma como o conteúdo e que estes, em conjunto, são capazes de levar o leitor a repensar seus conceitos construídos até então.

A seguir, se valendo de uma análise léxica, sintática e semântica do poema de Abreu, o presente artigo destacará as paixões da tristeza e do pessimismo que estão presentes da obra de Casimiro de Abreu.

#### **“Minh’ alma é triste”: Tristeza e melancolia**

Introduzido no Brasil em 1836 com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, o Romantismo brasileiro percorreu três grandes momentos diversificados:

- 1) correspondente ao período de implantação e definição do novo credo cultural; representam-no, [...], Gonçalves Dias, na poesia, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar, na prosa, e Martins Pena, no teatro; 2) em que se instala a moda byroniana da poesia, com Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, e em que aparecem os ficcionistas Bernardo Guimarães e Manuel Antônio de Almeida; e 3) equivalente às últimas décadas da época, em que se presencia a gestação do Realismo e, portanto, o desmoronar do Romantismo, com Castro Alves, na poesia, e Visconde de Taunay, na prosa (MOISÉS, 2000, p. 117).

Como evidenciado no fragmento de Moisés, as obras do poeta Casimiro de Abreu tenderam ao movimento do Romantismo Brasileiro, especificamente em sua segunda geração, também conhecido como Mal-do-século ou Byronismo, por conta da influência melancólica das obras do poeta britânico Byron (1788-1824). Embora o nome desse momento leve o nome do poeta Byron, este, segundo Barbosa (1975), não foi o inventor do byronismo, mas o poeta “foi uma síntese de tendências que vinham do século XVIII e que nele encontraram o tipo de personalidade ideal para se manifestarem totalmente” (BARBOSA, 1975, p. 16).

Ainda segundo Barbosa (1975), o mito byroniano possui múltiplas faces e, dentre elas, existe uma que vai de encontro a temática abordada por Casimiro de Abreu em seus escritos: “O poeta solitário, incompreendido, desencantado da vida e dos homens, dominado pela melancolia e pelo ceticismo” (BARBOSA, 1975, p. 17).

De modo a contribuir com as reflexões levantadas sobre o romantismo e seus temas, de modo a realçar semelhanças ao byronismo, Bosi (2015) expõe:

O *eu* romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo, recriando uma Idade Média gótica e embruxada. [...]

A natureza romântica é expressiva. [...]. Ela significa e revela. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação (BOSI, 2015, p. 97).

Nesse momento do romantismo brasileiro, alguns poetas, além de Casimiro de Abreu, como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Fagundes Varela, exemplificam “uma temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio”, temas que vão de encontro aos preceitos iniciais do byronismo inglês (BOSI, 2015, p. 115).

Tendo consciência da importância da obra de Casimiro de Abreu para a literatura brasileira, diversos pesquisadores se debruçaram sob a obra do autor em questão. A respeito da vida e obra do escritor, Silveira (1961) expõe:

Casimiro de Abreu é um dos grandes poetas da língua portuguesa, e um dos maiores da nossa fase romântica. Logo que principiou a publicar poesias, foi devidamente apreciado não só no Brasil, mas também em Portugal. Com dezesseis anos de idade tinha o seu nome na lista dos que compunham a redação da Ilustração Luso-Brasileira, de Lisboa, entre os escritores já feitos, como Alexandre Herculano, com 46 anos, Mendes Leal, com 38, Rebelo da Silva, com 34, e Latino Coelho, com 31.

[...]

Casimiro teve a maior consagração que, a meu ver, pode honrar um poeta: encontrou repercussão na alma do povo, a ponto de muitas produções suas serem ditas e repetidas e, até, musicadas, e, à fôrça de correrem de bôca em bôca, se tornarem anônimas ou quase anônimas. As suas edições sucediam-se quase inumeráveis aqui e em Portugal (SILVEIRA, 1961, p. 07).

Desse modo, fica a evidente a estima da obra de Casimiro de Abreu na literatura brasileira, considerando o grande valor estético da obra e sua significativa recepção positiva pelos leitores e críticos. Em relação a poesia de Casimiro de Abreu, Moisés comenta:

Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a sua curta existência, centra-se em dois temas fundamentais, a saudade e o lirismo-amoroso, que as composições selecionadas exemplificam a perfeição. [...] A melancolia que atravessa os dois primeiros poemas, sustentando a nota depressiva que os caracteriza, atinge o ápice em “Minh’ alma é triste”: o transporte lírico reveste metáforas fáceis, que de imediato comunicam ao leitor o sofrimento moral que encerram (MOISÉS, 2000, p. 178)

Silveira (1955) ainda defende Casimiro de Abreu como um dos melhores escritores de língua portuguesa,

[...] por causa da sua poesia comunicativa, da sua enternecida mas realista evocação da nossa paisagem, da beleza da linguagem fácil e concisa, da harmonia de gosto que preside à estrutura dos seus poemas, e da maviosidade da sua versificação (SILVEIRA, 1955, p. 25-26).

Tendo em vista a importância da poesia, as características do momento romântico brasileiro e sua influência na obra de Casimiro de Abreu, o presente estudo identificará dos temas do byronismo na obra do referido autor, bem como discutirá como esses temas são trabalhos no plano estético e de conteúdo da obra. O poema “Minh’ alma é triste” pertence a obra *Primaveras*, coletânea de poemas de Abreu, e foi publicada pela primeira vez em 1859.

De modo geral, em relação ao nível lexical da obra de Abreu, é possível se deparar com verbos de estado, o qual indicam o estado de alma do eu-lírico (tristeza e pessimismo), e, ainda, verbos de ação que indicam dinamismo, porém incapaz de modificar o modo estático do estado de alma. Ainda sobre o nível lexical, verifica-se comparações entre o estado de tristeza do eu-lírico (representada por substantivo abstrato) e elementos concretos, o que demonstra a intenção do poeta de fazer o leitor sentir sua tristeza. Com o intuito de aproximar o leitor ainda mais de seus sentimentos, o poeta de utiliza de verbos no presente do indicativo. Os substantivos e adjetivos escolhidos pelo autor para compor são usados para completar a ideia estática de tristeza que não abandona o eu-lírico.

No plano sintático, o poema de Abreu é composto de períodos longos que se completam de maneira encadeada. Ao mesmo tempo, a texto em questão possui paralelismo sintático, ou seja, existe a mesma construção sintática em todos os versos analisados, os quais enaltecem a tristeza e o pessimismo do eu-lírico. Já no campo

semântico, é inegável o uso de metáforas e comparações. Para Fiorin (2014), a metáfora é compreendida como

[...] uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. Com isso, dá concretude a uma ideia abstrata [...], aumentando a intensidade do sentido (FIORIN, 2014, p. 34).

Com o objetivo de realizar uma análise adequada do poema de Abreu, a mesma será realizada por estrofes (será apresentado cada estrofe seguida a uma análise de cada uma delas) e, ao final das análises, será feita uma síntese do poema como um todo.

A parte II do poema de Abreu inicia-se com a seguinte estrofe:

Minh'alma é triste como a voz do sino Carpindo o morto sobre a laje fria; E doce e grave qual no templo um hino, Ou como a prece ao desmaiar do dia (ABREU, 1972, p. 45).

Podemos observar que na primeira estrofe o eu-lírico trata da tristeza pela a qual suporta, comparando-a, no plano semântico, com a uma angústia causada pelo badalar de sinos de um templo, o qual pode representar a morte. Para enfatizar ainda mais sua tristeza, o eu-poético compara sua tristeza com uma canção heroica (hino), homenageando alguém que faleceu, ou como uma súplica feita ao anoitecer, o que pode demonstrar aflição.

No nível lexical da estrofe citada, deparamo-nos com o verbo de estado “é” e os verbos de ação “carpindo” e “desmaiar”. O verbo de estado indica a permanência do eu-lírico em estado um estado de tristeza e os verbos de ação mencionados, mesmo sendo verbos sendo caracterizados como dinâmicos, mantem o eu-lírico no estado no qual se encontra. O tempo verbal da referida estrofe é o presente, o que possibilita o leitor a aproximar-se da realidade do eu-poético. Os substantivos e adjetivos selecionados pelo poeta para edificar sua obra também sugerem uma ideia estática de tristeza que não pode ser alterada (alma, triste, voz do sino, morto, laje fria, doce e grave, templo, hino, prece e dia).

Já no nível sintático da primeira estrofe, identifica-se períodos longos que se completam uns com os outros, logo, um encadeamento. No primeiro verso da estrofe, o eu-lírico conta que sua alma é triste como a voz do sino e, em seguida, nas demais estrofes explica de que tipo de sino se refere e o significado de seu som e, logo depois,

já compara a “voz do sino” com elemento que demonstra tristeza, “a prece ao desmaiar do dia” (ABREU, 1972, p. 45).

O poema de Abreu segue com a estrofe:

Se passa um bote com as velas soltas, Minh'alma o segue n'amplidão dos mares; E longas horas acompanha as voltas Das andorinhas recortando os ares (ABREU, 1972, p.45).

Na segunda estrofe verificamos que o eu-lírico deseja fugir de seu meio, ao afirmar que se avistar um bode com velas soltas (bodes geralmente não tem velas, portanto um bode à deriva) o seguirá na amplidão dos mares. No plano semântico, o mar pode simbolizar o infinito e, sendo assim, o eu-lírico, insatisfeito com sua vida presente, deseja se afastar da mesma infinitamente. Portanto, encontramos então a evasão do espaço, uma característica do romantismo brasileiro, uma vez que o eu-poético busca por novas paisagens, usando um dos elementos da natureza como seu refúgio: “Se passa um bote com as velas soltas, / Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;”. Os dois versos finais também demonstram uma evasão do eu-lírico para a natureza, uma vez que se propõe a acompanhar as voltas das andorinhas no céu: “E longas horas acompanha as voltas/ Das andorinhas recortando os ares”.

Assim como na primeira estrofe, há verbos de ação (“passa”, “segue”, “acompanha” e recortando), na segunda que demonstram um dinamismo, mas que é incapaz de retirar o estado de alma do eu-lírico da tristeza. Também se pode observar o uso dos verbos no presente denotando forte aproximação. Deve-se expor ainda que os verbos ligados diretamente ao eu-lírico (“segue” e “acompanha”) confirmam uma passividade do mesmo, ou seja, uma não reação ao seu estado de tristeza. A escolha vocabular de substantivos e adjetivos continuam a sugerir a tristeza e estado estático do eu-lírico perante sua tristeza (bote, velas soltas, alma, amplidão dos mares, longas horas, voltas, andorinhas e ares). Os versos da segunda estrofe, como na primeira, se ligam por meio de um encadeamento em períodos longos.

A terceira estrofe do poema de Abreu é composta dos seguintes versos:

Às vezes, louca, num cismar perdida, Minh'alma triste vai vagando à toa, Bem como a folha que do sul batida Bóia nas águas de gentil lagoa! (ABREU, 1972, p. 45)

No plano semântico, o eu-lírico, na terceira estrofe, reafirma novamente a impossibilidade de escapar de seu atual estado de espírito e, por assim ser, sua triste alma vai vagando sem nenhum propósito e sem pensamentos sóbrios. O eu-poético estabelece também uma comparação entre o seu ato de vagar à toa com uma folha que em uma lagoa, ou seja, fica submetida em um espaço limitado, sem poder fugir, como o estado de tristeza sofrido por si próprio, impossível de ser posto de lado.

Como nas estrofes um e dois, existem verbos de ação e locuções verbais (Cismar, vai vagando e boia) que, apesar de seu dinamismo, não são capazes de livrar o eu-poético de seu estado e que está muito próximo ao leitor, devida a marca do presente deixada pelos verbos. Identifica-se nessa estrofe o uso de substantivos e adjetivos que contribuem para construção do sentido melancólico do poema (louca, cismar perdida, triste, à toa, folha do sul batida, águas de gentil lagoa). Há também na referida estrofe comparação entre elementos abstratos (“alma”), com elementos concretos (“folha que bóia nas águas de gentil lagoa”). Ainda semelhante as estrofes anteriores, a estrofe em questão possui um encadeamento de ideias, que são sempre completadas pelo verso seguinte.

A seguir, a quarta estrofe do poema de Abreu:

E como a rola que em sentida queixa  
O bosque acorda desde o albor  
da aurora, Minh'alma em notas de chorosa  
endeixa Lamenta os sonhos  
que já tive outrora (ABREU, 1972, p. 45).

Já na quarta estrofe, o eu-lírico situa uma comparação entre um pássaro que começa a cantar sozinho, na primeira luz da manhã, despertando os seres que ali vivem, e seu estado de tristeza, o qual, com uma poesia melancólica, declara arrependimento pelos sonhos que teve e não foram concretizados. Sendo assim, podemos perceber que os sentimentos do eu-lírico são mais fortes do que sua racionalidade: “Minh'alma em notas de chorosa endeixa / Lamenta os sonhos que já tive outrora”. Portanto, identificamos aí o sentimentalismo, onde uma melancolia sem referencial atinge o eu-lírico que cai em profunda tristeza. Além disso, é possível verificar um pessimismo diante da vida, uma vez que o eu-poético se mantém em um estado de tristeza, por conta de sonhos que não pode alcançar.

Como nas estrofes anteriores, a quarta estrofe se usa de verbos de ação e (acorda e lamenta) que não tiram o eu-poético de seu estado melancólico, o qual que está muito próximo ao leitor, por conta os verbos ainda serem marcados pelo presente do

indicativo. O emprego de substantivos e adjetivos que contribuem para construção do sentido deprimido do poema: rola, sentida queixa, bosque, albor aurora, alma, notas de chorosa endecha, sonhos e outrora. Há também na referida estrofe comparação entre elementos abstratos (“alma”), com elementos concretos (“como a rola que em sentida queixa”). Semelhante as estrofes um, dois e três, a estrofe quatro possui um encadeamento de ideias, que são sempre completadas pelo verso seguinte.

A parte II do poema termina da seguinte maneira:

Dizem que há gozos no correr dos anos!... Só eu não sei em que o prazer consiste. - Pobre ludíbrio de cruéis enganoso, Perdi os risos - a minh'alma é triste! (ABREU, 1972, p. 45)

Mediante a exposição da quinta estrofe, é possível inferir diferenças entre as anteriores. Nesta não há comparações entre formas abstratas e concretas, mas uma tentativa do eu-poético de justificar sua tristeza do mundo, afirmando que a felicidade mundana não passa de uma ilusão e, por isso, não sabe em que o prazer consiste, logo sua alma é triste. Embora nas outras estrofes existam uma complementação dos versos, na quinta um verso é independente do outro, ou seja, as ideias da de cada verso não necessitam do verso seguinte para apresentar sentido. Os verbos aqui também são utilizados no presente para indicar proximidade (consiste e perdi), exceto o verbo “correr”, que transmite a ideia de dinamicidade, mas que também é incapaz de alterar o estado de tristeza que é a única verdade do mundo. Neste verso, há o emprego de substantivos positivos, como gozo e prazer, mas não se referem ao eu-lírico, mas ao resto do mundo que está iludido por um estado de espírito que é uma farsa, a felicidade, que pode ser demonstrado pelos versos: “- Pobre ludíbrio de cruéis enganoso, / Perdi os risos – a minh'alma é triste! ”.

Em síntese, o poema trata da tristeza a qual o eu-lírico lida, pela vida que levou, ou seja, a vida de não ter concretizado os seus sonhos. A tristeza e pessimismo presentes em todos os versos, e que certamente percorrem a vida do eu-poético, revelam um estado de melancolia, uma vez que essa condição é duradoura e não se altera perante a situações de alegria e felicidade, considerando que o eu-lírico as encara com algo não verdadeiro.

Por fim, deve-se destacar que o conteúdo do poema de Abreu é acentuado pela sua forma: seu esquema métrico simétrico, a escolha de substantivos, adjetivos e verbos,

e, como estes são dispostos no texto, além da conotação semântica de tais palavras por meio do jogo de combinações entre o concreto e o abstrato. O esquema sintático composto de períodos longos que se completam de um verso para o outro resulta em um encadeamento de ideias que ocorre em todo o poema, exceto no último verso, onde cada período é independente. Desse modo, nas quatro primeiras estrofes é inegável o emprego de um paralelismo sintático, ou seja, a mesma construção sintática em todos os períodos, enaltecendo o estado de tristeza estático da alma do eu-lírico. Ainda que exista uma quebra desse sistema na última estrofe, o eu-poético não se liberta de sua melancolia, e, tal quebra, também existe no plano do conteúdo (“Dizem que há gozo no correr dos anos!”).

Assim, fica evidente a simetria tanto no plano do conteúdo da obra de Abreu, como na forma, o que, necessariamente, acentua o valor de sua obra e que a torna capaz de levar o leitor a refletir sobre o que é discutido do texto.

### **Considerações Finais**

Diante da análise e reflexão do poema do poema *Minh’ alma é triste*, autoria de Casimiro de Abreu, fica evidente o grande valor estético e de conteúdo da obra do referido autor.

Além de uma forma de fuga e de expressão, o poema pode levar seus leitores a ter um novo posicionamento diante da vida, mediante as reflexões provocadas por este tipo de manifestação artística, em especial, nesta pesquisa, a forma romântica, a qual, possui uma natureza concentrada nas formas fixas e tradicionais que, em conjunto com seu conteúdo, revela uma composição de um inestimado valor. O poeta romântico não pensa exclusivamente na forma ou no conteúdo de sua produção, mas ambos se complementam a fim de transmitir a visão do poeta. Evidentemente, as obras do romantismo se diferem das formas modernas, as quais são marcadas pelo desapego da forma e do conteúdo, devido a liquidez e individualidade trazida pelo seu contexto histórico, o que não significam que tais obras tenham um valor menor, mas que se apresentou uma nova maneira de se produzir arte tão rica quanto a tradicional, por conta de suas novas peculiaridades.

De modo geral, o poema ainda pode nos ajudar a pensar sobre situações e elementos que passam despercebidos na vida, mas que são importantes, e, ponderar

sobre tais questões, pode provocar mudanças no ato de agir e se posicionar social do homem.

Como texto do período do romantismo brasileiro, a obra de Abreu é capaz de levar os leitores a pensar sobre o pessimismo e melancolia, sentimentos humanos, que muitas vezes são vividos pelo homem, mas sem a ciência de que está sob esse estado. Desse modo, a poesia de Abreu é capaz de trazer o leitor a luz o sofrimento humano que na maioria das vezes é deixado de lado, uma vez que é comum ao homem não querer viver sentimentos negativos e de luto, mas que são importantes para elaboração e amadurecimento psíquico. É evidente que no movimento do romantismo, os sentimentos, sejam de amor, tristeza e nacionalismo, são trazidos com exagero, mas tal demasia ajuda a compreender melhor as emoções humanas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. *As Primaveras*. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A co-edição Instituto Nacional do Livro, 1972.

BARBOSA, Onédia C. de Carvalho. *Byron no Brasil: traduções*. São Paulo: Ática, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix; Ed. 50, 2015.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antônio. A Literatura e a formação do homem. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

CÉSAR, Guilhermino. A poesia brasileira de 22 até hoje. *O livro do seminário*. São Paulo: Nestlé e L. R. Editores, 1983.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática; Ed. 13, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix; Ed. 21, 2000.

SILVEIRA, Álvaro F. de S. (org.). *Casimiro de Abreu: poesia*. Rio de Janeiro: Agir; Ed. 2, 1961.

SILVEIRA, Álvaro F. de S.. *Obras de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Ed. 2, 1955.

### **Como referenciar este artigo**

NOGARI JUNIOR, Arnaldo. Tristeza, melancolia e beleza estética em “minh’ alma é triste”, de Casimiro de Abreu. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 346-364.

**Submetido em:** 02/01/2017

**Aprovado em:** 03/05/2018